

**Pistas para pesquisa de sexualidades dissidentes em artemídia através da
Cartografia e *Pathosformel* das imagens**

*Clues for research of dissenting sexualities in media arts through cartography and
phatosformel of images*

Vicente de Paula Nascimento LEITE FILHO¹

Resumo

Na análise de imagens midiáticas com verves estéticas e artísticas, encontramos no Atlas e no conceito de *phatosformel* (*fórmulas patéticas*) de Warburg, desdobrado por Didi-Huberman, um recurso importante para abordar e relacionar imagens. Porém, ao analisar material imagético vinculado à circuitos de dissidência sexual somos interpelados a uma pesquisa que considere com mais afinco as subjetividades envolvidas. Desta maneira, o método cartográfico oferece possibilidades de observação que se complementam a busca das “fórmulas patéticas”. Apesar das divergências, apresentamos os pontos de contato entre estas metodologias do Atlas e da Cartografia na investigação da potente carga sexual das imagens dissidentes das bichas.

Palavras-chave: Metodologia. Atlas. Cartografia. Queer. Subjetividade.

Abstract

In the analysis of media images with aesthetic and artistic aspects, we find in the Atlas and Warburg's concept of *phatosformel* (pathetic formulas), developed by Didi-Huberman, an important resource for approaching and relating images. However, by analyzing imagery material linked circuits of sexual dissent we are challenged to a research that considers more closely the subjectivities involved. In this way, the cartographic method offers observation possibilities that complement the search for pathetic formulas. Despite the differences, we present the contact points between these Atlas and Cartography methodologies in the investigation of the potent sexual load of the images of the queer people.

Keywords: Methodology. Atlas. Cartography. Queer. Subjectivity .

Introdução

Questões relacionadas ao corpo e sexualidade ainda constituem tabu nos temas científicos, sobretudo, por provocarem rupturas nos paradigmas dogmáticos de pensamento. Isto nos leva a compartilhar as combinações metodológicas que se

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade de Brasília (PPGCOM-UnB). E-mail: vincejornart@gmail.com

mostram relevantes para tratar da delicadeza deste tema. Primeiramente desdobramos a metodologia da “ciência sem nome” warburguiana do Atlas, vasculhando *Pathosformel* (fórmulas patéticas) com o intuito de esboçar as emoções, forças do pathos e desejos latentes nas imagens. Estas por sua vez são marcadas pelas subjetividades e fluxos desejanter o que nos fez acionar a Cartografia, baseada no pensamento foucaultiano que reverbera aqui principalmente em Deleuze, Guattari e Rolnik.

Damos ênfase nas especificidades de cartografar subjetividades *queer* assinaladas por Preciado. Entre o universal e o singular da multidão *queer* existe a crítica anticolonial do pensamento de Jota Mombaça que trazemos à baila para aprofundar nossa reflexão sobre a presença da pesquisadora em sua produção científica. Atentando este aspecto preferimos ressoar a primeira pessoa do discurso plural, com o intuito de realçar o gesto implicado, de ser e estar com bichas ao produzir conhecimento. Apesar dos acessos discursivos se darem por vias individuais, os processos produtivos advêm de muitas vozes dissonantes.

A aproximação entre Cartografia e as concepções warburguianas não são novidade. Aurélia Honorato em sua pesquisa sobre arte e afetos recorre a Didi-Huberman e Warburg assim como a Deleuze e Guattari. Desdobrando suas conexões de pensamento, a autora desenvolve uma metodologia para tratar a multiplicidade da imagem: “Constelação e cartografia: vejo aqui uma possibilidade de conexão metodológica relevante para minha pesquisa a partir do entendimento de que uma imagem nunca está só. Dela explode uma constelação.” (HONORATO, p. 92, 2016). Para ela, Warburg é um historiador da arte rizomático² e sua deambulação teórica de se dá em “contínuo movimento, quase como um nômade, constrói uma subjetividade desterritorializada, assim como o esquizo apresentado por Deleuze e Guattari” (*ibid* p. 93, 2016). Isto nos leva a crer que a proximidade de visões é bastante próxima e investimos neste percurso.

Ao observar imagens do DVD *Pornopirataria* organizado por Bruna Kury³, notamos que a produção de artemídia ligada à dissidência sexual⁴ no Brasil exige um

² A autora faz referência a noção deleuzeana de rizoma que refere-se a conectividade de pontos que não tem uma raiz/origem específica e articulam-se numa rede infundável e descentralizada que por meio de rupturas e linhas de fuga concatenadas põe em relação multiplicidades semióticas.

³ Artista e pesquisadora paulista que dedica-se a temáticas pornoterrorista e queer, que questionam regimes hegemônicos de visibilidade, sobretudo de corpos transsexuais e travestis. Bruna organiza o DVD *Pornopirataria* em que a artista reúne e comercializa material audiovisual de artistas dissidentes, friccionando os circuitos de artemídia contemporâneos.

caminho metodológico não hegemônico, fissurando epistemes através da observação de saberes subalternizados. Corpo e suas emoções sempre foram distanciados/inferiorizados da ordem do científico, por não constituírem um saber alinhado a rigorosos parâmetros de lógica e racionalidade. Encontram-se, portanto, aprisionados ao espectro do pathos, e, portanto, foram apartados de quaisquer possibilidades de produzir conhecimento ou compor pensamento e intelecto.

Contudo, é expressivo na academia o esforço de reaproximar o campo estético e sensível das formas de se articular pensamento, reposicionando as formas de produzir e compartilhar conhecimento. Muniz Sodré nos adverte sobre a necessidade de articular abordagens sensíveis que reposicionem posturas interpretativas no campo da comunicação de modo a ‘reconhecer a potência emancipatória contida na ilusão, na emoção do riso e no sentimento da ironia, mas também na imaginação, requisito indispensável do “capital humano”(...)” (SODRÉ, 2006, p.13). Tais trilhas imaginárias orientam nossas inquirições.

Esta perspectiva complementa-se com os questionamentos de HONORATO (2016) ao buscar “conhecimento que venha atravessado de sensibilidade, de incertezas, de singularidades, de corpo? Que seja um acontecimento provocado pela imagem, pelo sensível, pela arte?” (HONORATO, 2016, p.94). Seguimos com uma postura afirmativa diante destas indagações, pois trata-se de dar potência ao que foi *despotencializado* (apagado).

Neste artigo, tratamos das “metodologias” do Atlas e da Cartografia com ênfase nas peculiaridades *queer*. Chamamos atenção que a dimensão *queer* tratada nesta pesquisa é um recorte voltado a cultura das bichas e travestis. Isto coaduna com o entendimento de lugar de fala de Djamila Ribeiro (2017), que não nos impede de falar, mas demanda que situemos nossa posição para não ferir o protagonismo destas sujeitas relatarem suas próprias problemáticas.

Qualquer pesquisador que aprofunda-se nas temáticas *queer* pode observar profunda rejeição das sujeitas envolvidas à Academia. Além de repúdio, é muito comum a recusa em ser objetos de estudo e/ou científicos. As bichas querem uma outra relação

⁴ Leandro Colling (2018) entende que o termo dissidência se contrapõe ao termo diversidade sexual, posto que este último estaria pasteurizado pelo artificialismo institucional. A ideia de dissidência não está nem atrelada ao discurso estatal nem ao alinhamento automático ao termo estrangeiro *queer*, que geralmente designa manifestações subversivas de gênero e sexualidade. Dissidência sexual aproxima-se de uma noção pós-identitária para referir-se a sexualidades e gêneros desviantes.

com a Universidade e são contrárias à exploração intelectual. Isto exige que as pesquisadoras tenham uma postura mais próxima e acolhedora com as fontes de sua pesquisa de modo que as vivências interconectem-se ao ponto do pesquisador adquirir uma postura mais implicada e transformadora na realidade das comunidades estudadas. Buscando compreender formas de articular esta urgente necessidade que segue redesenhando-se, apresentamos possíveis fissuras metodológicas que circundam o Atlas e a Cartografia no intuito de encontrar métodos que vão além da objetificação e nos ajudem a trabalhar com análise de imagens relacionadas a dissidência sexual.

Entre Atlas e Cartografia: desdobrando artefatos afetados

Aby Warburg (1886-1929) desenvolveu uma tese de doutoramento calcada nas obras de Sandro Botticelli - O nascimento de Vênus e Primavera- em que ele perscrutava uma espécie de reaparecimento da cultura pagã nestas imagens da Renascença. Vasculhando as sobrevivências da Antiguidade Clássica, ele produz posteriormente o *Atlas Mnemosyne*, que é um conjunto de milhares de cópias fotográficas afixadas sobre painéis revestidos de tecido preto produzidas por Warburg para organizar caracteres das imagens que ele pesquisava. Didi-Huberman (2013) indica que o Atlas advém de um caderno de estudos de Warburg intitulado *Schemata Pathosformeln* que continha esboços, listas que “fracassaram”, mas foram retomadas décadas depois através das imagens do Atlas.

Este projeto inacabado/inesgotável de Warburg jamais foi teorizado pelo próprio, porém é bastante comentado por um dos seus principais exegetas, Didi-Huberman, que apresenta o Atlas como uma “forma visual do saber, uma forma sábia de ver” (2018, p.18) o que imbrica e subverte paradigmas epistêmicos (do saber) e estéticos (do ver/visual). Partindo de Foucault, Deleuze nos diz que o saber se dá a partir dos arranjos entre o visível e enunciável, ver e falar, luz e linguagem. O saber é um agenciamento prático, um ‘dispositivo’ de enunciados e visibilidades” (DELEUZE, 2005, p.60). Para Didi-Huberman, o Atlas desvincula-se de axiomas dados pela história do conhecimento e rompe com a tradição platônica que preza a ideia para moldar epistemes.

O grande trunfo desta prática é o agenciamento das imagens, a montagem e desmontagem destas imagens. A possibilidade de expô-las em relação a partir de

conexões inapreensíveis que sobrevivem através dos tempos, identificada como *nachleben*. Esta sobrevivência passional/pulsional das imagens está relacionada aos processos do inconsciente o que faz Didi-Huberman elaborar a noção de sintoma para tratar das dinâmicas oscilantes e pulsionais das imagens:

“Enquanto as ‘sobrevivências’ de Tylor, os ‘resíduos vitais’ de Burckhardt, as ‘formas afetivas primitivas’ do dionísio segundo Nietzsche, e os ‘princípios gerais da expressão’ de Darwin constituem fontes indiscutíveis - entre outras - das ideias warburgianas, a ‘formação do sintoma’ segundo Freud constitui, antes, um *interpretador*: parece-me que pode ajudar a esclarecer ou a desenvolver, a *desdobrar* os modelos temporais, corporais e semióticos empregados por Warburg” (DIDI-HUBERMAN, 2013, p.244)

De fato, a articulação de uma “antropologia de imagens” com um “trabalho da memória inconsciente” é notada e identificada por Didi-Huberman como uma espécie de “história da psique”. O próprio Warburg definia sua biblioteca como uma “coleção de documentos sobre a psicologia dos modos de expressão humana” (WARBURG, *apud* DIDI-HUBERMAN, 2013, p.247) Não nos cabe aqui aprofundar as tópicas e estruturas psíquicas da teoria freudiana, mas reconhecer como estudar estas imagens é expandir a compreensão sobre os movimentos da mente humana refletida na produção de imagens e processos histórico-sociais.

Refletir a psicologização das imagens é detectar seus sintomas e desenvolver a habilidade de relacionar subjetividades (in)visíveis. (Des)Montar um Atlas, como preconiza DIDI-HUBERMAN (2018) é estimular o conhecimento pela imaginação, pela capacidade adivinhar o passado, remontar o presente a reinventar e reviver futuros.

Para além do Atlas, somos compelidos a passear por estas “expressões” humanas através da investigação de subjetividades. Em nosso percurso entendemos o Atlas como uma referência importante para organizar as “vidas” ressoantes das imagens. Porém ela se torna insuficiente quando se tem que enfrentar uma série de precariedades, de dificuldades de concatenar fontes e materiais para dispor a relação imagética em exatos moldes warburgianos. Não faz sentido, sobretudo no Brasil, uma pesquisa idêntica a de Warburg. A intenção não é remendar seu percurso, mas sim, encontrar uma trajetória própria.

Ao invés de pensar em milimétricas pranchas de um atlas, sugerimos refletir sobre disformes pregas de um percurso dissidente e performático. Que mistérios

guardam as pregas? Que movimentos acontecem entre elas? Que emoções se movem por suas brechas? Que forças do *pathos* as atravessam e tingem imagens? Que corpo atravessa corpus para observar imagens destes estados performáticos de corpos tomados por grandes emoções?

É quase inevitável escapar da relação da prega com a noção de dobra foucaultiana que Deleuze diseca ao tratar das dobras do pensamento, a subjetividade. Os filósofos franceses operam na tradição filosófica e retornam aos gregos para demonstrar que eles instituíram a importância da subjetividade na composição do tecido social. É certo, que isto advém de um pensamento *eurocentrado* e colonial que considera a cultura helênica como berço da civilização. Epistemologias anticoloniais têm proposto sentidos não necessariamente o contrário, mas múltiplos. Mas nos atendo ao pensamento de Foucault, o que Deleuze quer explicitar é que os contornos subjetivos passam a ter uma importância social na cultura grega: “Longe de ignorarem a interioridade, a interioridade, a individualidade, a subjetividade, eles inventaram o sujeito, mas como derivada, como produto de uma ‘subjetivação’. Descobriram a ‘existência estética’, isto é, o forro, a relação consigo (...)” (DELEUZE, 2005, p.108). O pensador francês enfatiza que esta “relação consigo” é dobra dos esquemas de poder e saber e retroalimenta os sistemas de qual é oriunda.

Assim a subjetividade nasce dos embates do poder e saber. “O saber, o poder e o si são uma tripla raiz de uma problematização do pensamento” (*ibid* 2005, p.124). Deleuze (2005) verifica que Foucault prezava pela “dimensão que devia ao mesmo tempo se distinguir das relações de forças ou de poder e as formas estratificadas de saber: ‘a absoluta memória.’” (*ibid*, 2005, p. 106). Esta memória que subsiste às eras de certa forma é trabalhada por Warburg ao tentar compreender a vida das imagens ao longo do tempo em seu conceito de *nachleben*. Esta sobrevivência das imagens se dá por um lugar imemorial, subjetivo, que resiste na memória dos estratos do saber e das forças de poder.

Deleuze reconhece que esta “relação consigo”, os processos de subjetivação, foram fatores fundamentais para expansão da cultura grega no mundo, inclusive através de relação de dominação com outros povos: “(...)é preciso duplicar a dominação sobre os outros mediante o domínio de si.” (DELEUZE, 2005, p.108). É dizer, fortalecer a própria subjetividade em detrimento das outras, é apontada como uma tática de dominação. A potência da subjetividade frequentemente é desviada para subjugar o

outro que se efetua, sobretudo, por meio de processos de sujeição. Este é um impasse da subjetividade na modernidade:

A luta por uma subjetividade moderna passa por uma resistência as duas formas atuais de sujeição, uma que consiste em nos individualizar de acordo com as exigências do poder, outra que consiste em ligar cada indivíduo a uma identidade sabida e conhecida, bem determinada de uma vez por todas. A luta pela subjetividade se apresenta então como direito à diferença e direito à variação, à metamorfose. (DELEUZE, 2005, p.113)

O eu cristalizado é implodido, a ideia de sujeito fixo repudiada. Para Deleuze, o trabalho cartográfico de Foucault não se refere a uma história de sujeitos, mas de “processos de subjetivação, sob as dobras que ocorrem nesse campo ontológico tanto quanto social” (*ibid* 2005, p.124). Por esta via Deleuze entende que “(...) o ‘eu’ não designa o universal, mas um conjunto de posições singulares ocupadas num Fala-se/Verse-se Combate-se, Vive-se” (*ibid*, 2005, p.122). Destes embates do eu, das relações consigo, é que surge os processos de resistência, entre pregas dos diagramas de força (poder) e dos estratos saber (enunciáveis e visíveis): “A fórmula mais geral de relação consigo é: o afeto de si para consigo, ou a força dobrada, vergada. A subjetivação se faz por dobra” (*ibid*, 2005, p. 111.) O sexo é vital nesta relação consigo e somos levados a compreender a subjetivação como uma espécie de desdobramento das interioridades e do fora que se efetua na sexualidade (*ibid*, 2005, p.109). Por isso, Deleuze a todo momento recorre a obra História da Sexualidade de Foucault, delineando como as formações sociais e subjetivas perpassam-se pela história.

A biopolítica, o cálculo sobre a vida, se dá, sobretudo, pela disciplinarização das sexualidades, tendo em vista que isto compõe intensivamente as subjetividades e as encaminha para processos de sujeição, engessamento do sujeito, que segue debatendo-se na resistência às armadilhas paralisantes. Deleuze verifica todo este movimento e anuncia: “Esta afecção de si, esta convenção do longínquo e do próximo, vai assumir importância cada vez maior.” (*ibid*, 2005, p.126). Pensando nessa importância é que desdobramos o que poderia ser um possível Atlas em pregas de um percurso, de um passeio por subjetivações que resistem *orgiasticamente* à subalternização do sujeito rigidamente localizado.

Acatamos a utilidade de examinar “fórmulas patéticas”, mas as fraturas sexuais e sociais (em oposição ao racismo, colonialismos e sexismos) despertadas pelas imagens

nos instigam a observá-las de forma mais implicada com as subjetividades entrecruzadas. Isto nos leva a trilhar um percurso metodológico cartográfico próximo aos gestos genealógicos foucaultianos e parâmetros cartográficos desejan-tes de Guattari que valoriza a necessidade de pesquisar não o ser e suas expressões, mas sim os processos de ser, as estruturas condicionantes e as resistências das sujeitas.

“A produção de subjetividade constitui matéria-prima e toda e qualquer produção” (GUATTARI e ROLNIK, 2005, p. 36) afirmam os cartógrafos do desejo, que reiteram ainda: “Todos os fenômenos importantes da atualidade envolvem dimensões do desejo e da subjetividade.” (GUATTARI e ROLNIK, 2005, p.36). Por isso, reafirmamos a importância de observar atentamente os processos de subjetivação, pois eles movem os desejos que impulsionam a produção da vida. A prática cartográfica exige um olhar às malhas sociais (saberes e poderes) estruturantes em torno do desejo, bem como às rupturas dos “diques de contenção” que sempre serão insuficientes para aprisionar os indômitos e caudalosos veios do desejar.

Peculiaridades de Cartografias *queer*

Percorrer subjetividades desperta adentrar nas sexualidades, principalmente, em uma pesquisa como esta que se volta às precarizadas subjetividades *queer/cuir/cu*. Preciado (2017) alerta que o risco de se produzir Cartografias identitárias das minorias neste campo é “funcionar, como diria Foucault, como ‘um ato de vigilância’, cobrindo de alguma maneira o mapa que os dispositivos de controle impulsionam para se converter, então, num arquivo de vítimas que, mais do que criticar a opressão e a sua diferença, acabam por estetizá-la.” (PRECIADO, 2017, p.03) O filósofo rechaça as análises que não estão implicadas com as dinâmicas conflitantes das vivências culturais cartografadas.

Ele critica as Cartografias que cristalizam identidades numa imagem de poder centralizadora que ele associa ao leão, a partir da simbologia tratada por Antonio Negri que apresenta o leão como símbolo de dominação⁵. Preciado considera que a maior parte destas cartografias “tinham como ponto central a cultura gay, urbana, branca e de

⁵ Preciado faz referência ao texto de Antonio Negri, “Maquiavelo y Althusser”. In: ALTHUSSER, Louis. Maquiavelo y Nosotros. Madrid: Akal, 2004, p. 14-15. Para Negri a imagem de transformação política se aproxima mais da raposa que do leão. Assim Preciado usa a palavra espanhola “zorra” que significa raposa, mas também pode ser traduzido como “puta”, para definir sua cartografia.

classe média frequentemente naturalizada e separada de toda a influência e relação com a subcultura lésbica, transgênera ou transexual”. (PRECIADO, 2017, p.05). O filósofo então reivindica a Cartografia da *zorra*, da raposa, que valoriza arranjos de poder que operam pelas margens. Ele nos alerta sobre a importância de analisar o biopoder e seus dispositivos que empreendem constantemente investimentos para controlar as subjetividades, calculando a vida.

O biopoder controla a vida com a intenção de preservá-la/direcioná-la, funcionalizá-la em prol de subsidiar o consumo e a manutenção do capitalismo. Assim, ele retoma o pensamento de Monique Wittig que vê a heterossexualidade como uma política, “que faz parte da administração dos corpos e da gestão calculada da vida no âmbito da biopolítica.” (PRECIADO, p.12 2011) A heterossexualidade seria assim uma tecnologia do biopoder. O autor espanhol entrecruza reflexões com a noção de *sexopolítica*, que condiciona os corpos a práticas limitantes e faz do sexo algo correlato ao capital com funcionalidades e finalidades a serem cumpridas.

Deste modo, o “biopoder não faz mais do que produzir as disciplinas de normalização e determinar as formas de subjetivação.” (PRECIADO, 2011, p.12). Ao investigar estas normalizações e definições, nós do campo da comunicação precisamos estar atentos às espacialidades bem como aparatos e dispositivos semióticos. As mídias, meios e tecnologias da comunicação são determinantes na produção de subjetividades e, portanto, precisam ser “sabatizadas” num estudo cartográfico.

Preciado retoma Guattari e frisa a importância da comunicação no processo produtivo de subjetividades. O autor considera necessário que uma Cartografia se atente à “tecnologias de representação, de informação e de comunicação que (como autênticas máquinas performativas) não se contentam com a veiculação de conteúdos dados, mas vão além ao produzir a subjetividade que pretendem descrever.” (PRECIADO, 2017, p.10). A comunicação e suas ramagens são tecnologias que produzem subjetividades, dispositivos do biopoder no alinhamento e disciplinarização das subjetivações. Nesta esteira, Preciado acrescenta que:

O gênero não é o efeito de um sistema fechado de poder nem uma ideia que recai sobre a matéria passiva, mas o nome do conjunto de dispositivos sexopolíticos (da medicina à representação pornográfica, passando pelas instituições familiares) que serão o objeto de uma reapropriação pelas minorias sexuais. (PRECIADO, 2011, p.14)

Este movimento de reapropriação, é onde incide os processos de resistência assinalados por Foucault. Para Foucault, o poder se exerce em relação e não pode ser possuído ou atrelado a uma instituição, posto que se constrói em ações micropolíticas. O poder se dá num jogo conflitante com o saber fissurando subjetivações e sujeições que (des)dobram-se na dinâmica das relações e retroalimentam as relações de poder e saber.

Apropriar-se das técnicas, tecnologias, dispositivos... tudo que nos classifica e nos restringe com o ar de deboche é o que faz as imagens da dissidência sexual perverterem a seriedade sóbria e seletiva do saber e da história assim como indica Foucault: “ O grande jogo da história será de quem se apoderar das regras, de quem tomar o lugar daqueles que a utilizam, de quem se disfarçar para perverte-las, utilizá-las ao inverso e voltá-las contra aqueles que as tinham imposto” (FOUCAULT, 1998, p.26). Nesta “retroalimentação”, os investimentos subjetivos para manter as relações de poder ocorrem ruídos que impedem que os poderes estabelecidos se reatualizem perfeitamente, dando brechas a outras ações e reações.

Convicta nesta concepção foucaultiana, Preciado enfatiza que o “corpo não é um dado passivo sobre o qual age o biopoder” (PRECIADO, 2011, p.14) e neste sentido coloca que tecnologias de normalização dos corpos e da vida (biopoder) portam “fracasso ou resíduo, a história das tecnologias de normalização dos corpos, a multidão queer tem também a possibilidade de intervir nos dispositivos biotecnológicos de produção de subjetividade sexual.”(PRECIADO, 2017, p.14). Desta Cartografia foucaultiana desdobrada em pesquisas de Eve K. Sedgwick e Michael Moon ou Judith Butler, Preciado (2017) elabora conclusões provisórias das quais nos cabe destacar que o “espaço público na modernidade ocidental é um espaço de produção de masculinidade heterossexual.”(PRECIADO, 2017, p.13) que exclui mulheres das esferas públicas da vida como também das ditas “cartografias identitárias”.

Outra dessas conclusões que ressaltamos é que junto com a sistematização científica da vida e do sexo em ascensão no século XIX, os *sujeitos sexopolíticos* além de objeto de conhecimento científico também tornam-se “figuras de espetáculo e representação pública” e isto nos exige uma atenção com os dispositivos semióticos e processos de comunicação que precisam ser considerados nos estudos cartográficos como diz Preciado:

O importante dessa análise foucaultiana não é somente pensar a identidade sexual como um efeito de um processo de construção

política, mas sim identificar as técnicas semiótico-técnicas, visuais, arquitetônicas e urbanísticas através das quais é realizada essa construção. (PRECIADO, 2017, p.13)

Estar atento como a arte das bichas se relaciona com os dispositivos midiáticos constitui um elemento necessário para uma Cartografia *queer*. Todas estas orientações sobre Cartografia são levadas em conta, contudo, as singularidades e percalços dos contextos não europeus nos fazem escavar nossos próprios percursos, ao invés de tentar aplicar cartografias dadas a nossa experiência. Suely Rolnik (2016) frisa que a cartografia “é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem” p.23, se diferenciando do mapa, que captura “um todo estático” (ROLNIK, 2016, p.23) A cartógrafa, portanto, está implicada na produção daquilo que tenta conhecer/traduzir/transmitir, posto que a tentativa de tradução da experiência, implica envolver-se e não distanciar-se. “O segredo só existe para ser traído, trair-se a si mesmo” (DELEUZE, 2005,p.63). O gesto de trair-se é de alguma forma transformar.

A tarefa cartográfica é também provocar fissuras no espaço, transformações, ao mesmo tempo que as observa. Rompe com a lógica binária e bancária de emissão/recepção e revolve-se com o percurso ao invés de prender-se em partidas e chegadas, assim efetua transformações, muito próximo a ideia de educação libertadora e pedagogia da autonomia de Paulo Freire (1996). É um fluxo retroalimentativo de desterritorialização e sedimentação. Tal envolvimento proporciona fortalecimento de laços éticos, pois resulta em responsabilidade consigo e com o outro, o que não quer dizer estar em estado de vigilância, mas sim atento e forte, cuidadoso com os atravessamentos das subjetividades.

Isto nos coloca numa travessia que está entre a montagem de um atlas e o traçado de uma Cartografia, que vão se chocar na busca de reconhecer e transmitir os signos evocados pelas bichas através de práticas corpóreas, estados de performance, fricções discursivas nos enunciados e nas formas visíveis. “O cartógrafo é, antes de tudo, um antropófago” (ROLNIK, 2016, p.23). Partindo de um gesto antropofágico de devorar o exterior para constituir o próprio trajeto, adentramos em visões anticolonialistas, sobretudo no que se refere aos estudos *queer*.

Larissa Pelucio (2014) destaca que um dos problemas da incorporação do *queer* no Brasil é que o movimento de aderência do termo partiu, a grosso modo, da

Universidade para o uso na sociedade. Em sua leitura do processo de apropriação da teoria *queer* nos trópicos, Pelucio (2014) propõe uma operação antropofágica do pensamento para deglutir o conceito no Brasil através de uma espécie de procedimento além tradução que chamou de teoria cu. Glauco Ferreira (2016) destaca o uso de variações gráficas e fonéticas do *queer* (Kuir, cuir, quier...) para enfatizar que as deteriorações das classificações de gênero envolvem outras marcas desestruturantes, geralmente ligadas a contextos de raça e classe, por exemplo. Muito têm se falado em substituir inclusive o *queer* pelo cu para fazer jus às perspectivas e talvez expectativas antropofágicas vitalistas brasileiras.

Neste sentido, uma das críticas mais ávidas aos procedimentos de pesquisa, quando se trata de temáticas dissidentes sexuais, é Jota Mombaça que orienta às pesquisadoras a não se eximirem no processo, desviando assim da clássica e desgastada relação de observador devidamente distante de seu objeto. No seu texto “*Para desaprender o queer dos trópicos: Desmontando a caravela queer*” Mombaça questiona as metodologias vigentes dos estudos de gênero no Brasil, em especial àquelas relacionadas ao *queer*. Ela compreende os questionamentos acadêmicos brasileiros que reivindicam atenção às nuances do *queer* nos trópicos em busca de abordagens não colonizadas, porém desfere uma crítica sobre o modo de pesquisa.

Mombaça chama atenção ao trabalho de Pedro Paulo Pereira⁶, que ao contrapor-se a pesquisa subjetiva de Preciado, narra a experiência da travesti Cida. Para Mombaça, “o autor em nenhum momento alude à própria história, ou assume a implicação que o próprio corpo tem no tipo de produção conceitual que ele leva adiante em seu texto.” (MOMBAÇA, 2016a). Jota interpela sobre as dimensões de conhecimento conectadas ao corpo, ao passar por... passar na pele.

Desaprender o queer dos trópicos tem assim o sentido de uma desnaturalização radical dos procedimentos acadêmicos, incluindo uma problematização das relações sujeito-objeto que ajudaram a consolidar a elite teórica queer do Brasil, assim como uma revisão crítica dos efeitos de interpelação que a apropriação do queer desdobrou em territórios como o nosso. (MOMBAÇA, 2016a)⁷

⁶ Mombaça refere-se ao seguinte texto: PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. Queer nos trópicos. Contemporânea, São Carlos, v. 2, n. 2, p. 371-394, jul./dez. 2012. Disponível em: <<http://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/88/53>>. Acesso em: 18 de setembro de 2019.

⁷ O texto em questão de Mombaça não é paginado e está disponível nas Referências deste artigo.

Apesar de reconhecer as limitadas intersecções entre a produção de conhecimento teórico e “programa de ação”, Mombaça não desiste de friccionar estas fronteiras e ao esboçar o que nomeia de submetodologia e/ou metodologia anal, a pesquisadora aguça a necessidade de encontrar percursos epistêmicos para as intrépidas questões do corpo da e na pesquisa que visa “uma abordagem contextual e transitória que force a produção de conhecimento a assumir a precariedade que a constitui, abrindo-a à multiplicidade de estratégias e procedimentos metodológicos requerida por esse corpo indisciplinar.” (MOMBAÇA, 2016b, p.344). Este tipo de conclamação nos atingiu e por este motivo tensionamos formas de nos situarmos criticamente na pesquisa. Somos instigadas a desenvolver as imaterialidades latentes que fervilham neste percurso e buscamos possibilidades de um método que considere o corpo que pesquisa, conforme descreve Mombaça:

Meu trabalho consiste, basicamente, em vasculhar arquivos coletando rastros a partir dos quais tecer trajetórias possíveis. Estes arquivos não se resumem a documentos históricos (blogs, revistas, jornais da época etc.); pode-se, inclusive, dizer de alguns deles que não tem materialidade senão como experiência neste corpo que escreve. (MOMBAÇA, p.350, 2016b)

Tal descrição nos faz pensar Mombaça como uma espécie de cartógrafa/arquivista/genealogista com a peculiaridade de identificar no próprio corpo as marcas imemoriais da história das bichas.

Considerações finais

As imagens e imaginários têm um papel primordial nos processos de subjetivação e na produção dos desejos que subsistem qualquer produção, seja de ordem econômica ou social. Todas as instâncias da vida movem-se a partir dos desejos que são alimentados, num ciclo recíproco, pelas subjetivações e pelas imagens. Analisar a produção e a circulação de imagens é uma das importantes tarefas do comunicador, que precisa estar atento às especificidades das imagens que observa e desta forma compreender a força histórica e transformadora de imagens que persistem em ser vistas na nossa cultura.

Agenciar os fluxos desejanter das imagens, o que Warburg nomeou de *Pathosformel*, nos auxilia a visualizar os processos de subjetivação, enquanto o traçado

de Cartografias de obras e artistas colabora com a reflexão sobre fatores que interferem na produção de subjetividades e em corolário a profusão de sentidos evocada pelas imagens.

Tanto o Atlas como a Cartografia, que não se estruturam como metodologias clássicas de pesquisa em comunicação, têm se mostrado eficazes para uma pesquisa que valoriza aspectos estéticos e sensíveis de uma imagem artística e midiática. Estes dois caminhos interconectam-se e friccionam uma rizomática constelação de possibilidades para lidar com imagens de forma sensível e afetada. Valorizar caracteres imaginais apresenta-se como uma espécie de estratégia sensível (SODRÉ, 2006). As pregas imagéticas também abrem buracos epistêmicos que indagam como estes procedimentos oriundos da Europa (Atlas e Cartografia) se aplicam a precária realidade das bichas pesquisadoras, artistas e comunicadoras brasileiras. MOMBAÇA (2016a) é enfática em afirmar que este posicionamento afetado de quem pesquisa, precisa considerar a própria subjetividade e o próprio corpo neste processo. Isto fissa remontagens de esquemas metodológicos que atravessam práticas corporais.

Em suma, podemos perceber que estas “metodologias” nos ativam estados de afecção que têm sido cada vez mais valorizados pelos paradigmas relacionais que subsidiam o campo da comunicação. Estas práticas investigativas nos fazem desenrolar percursos sensíveis e respiros epistêmicos que aprimoram nossa visão para os estudos das relações e subjetividade que são vitais para expansão da pesquisa em comunicação.

Referências

COLLING, Leandro. A emergência dos ativismos das dissidências sexuais e de gêneros no Brasil da atualidade. In: **Sala Preta**, 18(1), 152-167. Disponível em: < <https://doi.org/10.11606/issn.2238-3867.v18i1p152-16> > Acesso em: > Acesso em: 15/11/2019

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. Tradução: Claudia Sant’Anna. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **A imagem sobrevivente: história da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Atlas, ou, O gaio saber inquieto**. Tradução: Marcia Arbex e Vera Casa Nova. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.

FERREIRA, Glauco B.. ‘Arte Queer’ no Brasil? Relações raciais e não binarismos de gênero e sexualidades em expressões artísticas em contextos sociais brasileiros. In: Urdimento v.2, n.27, p.206.-227, Dezembro 2016

FOUCAULT, Michael. **Microfísica do poder**. Tradução: Roberto Machado. Rio de Janeiro: GRAAL, 1998

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e. Terra, 1996.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

HONORATO, Aurélia Regina de Souza. **Multiplicidades da imagem: a arte e os afetos**. Crítica Cultural – Critic, Palhoça, SC, v. 11, n. 1, p. 85-95, jan./jun. 2016.

MOMBAÇA, Jota. **Para desaprender o queer dos trópicos: desmontando a caravela queer**, 2016a. Disponível em: <<http://www.ssexbbo.com/2016/08/para-desaprender-o-queer-dos-tropicos-desmontando-a-caravela-queer/>> Acesso em: 15/09/2019

MOMBAÇA, Jota. **Rastro de uma submetodologia**. Concinnitas | ano 17, volume 01, número 28, setembro de 2016b.

PELUCIO, Larissa. Traduções e torções ou o que se quer dizer quando dizemos queer no Brasil? Salvador. In: **Revista Periódicus**, maio-outubro de 2014. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/10150>> Acesso em 13/09/2019;

PRECIADO, Paul B. “Cartografias ‘Queer’: O ‘Flâneur’ Perverso, A Lésbica Topofóbica e A Puta Multicartográfica, Ou Como Fazer uma Cartografia ‘Zorra’ com Annie Sprinkle”. In: **Revista Performatus**, Inhumas, ano 5, n. 17, jan. 2017.

PRECIADO, Paul B. **Multidão queer: notas para uma política dos “anormais”**. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 11–20, jan. 2011.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina, Editora da UFRGS, 2016.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala**. Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.